



a pequena jardineira e o gigante

Certa vez numa distante aldeia chinesa, uma pequena jardineira chamada *Chou Mee Kwai* cuidava orgulhosa de seu jardim. Sua vida tinha o colorido das flores que cultivava, a robustez das árvores que havia plantado e a altivez tranqüila no olhar de quem conhece os segredos da terra. Quieta e reservada sempre cantava as canções que dormiam em sua memória para ajudar as plantas a crescerem: *“para minha tristeza, violeta azul; cravina vermelha para minha paixão, e para saber se me correspondes, desfolho um branco manjeriço, se me queres muito, pouquinho ou nada, para acalmar meu pobre coração.”* Todos no vilarejo se orgulhavam da pequena jardineira que, na chegada da noite, descansava à soleira da porta olhando as estrelas e bordando estampas floridas em seus tecidos. Durante o dia arava e revolia a terra, à noite florescia em pontos e cerzidos com a agulha em suas pequenas mãos.

Numa ocasião em que regava suas flores com o mesmo carinho de sempre, percebeu uma brisa diferente vir do norte. Mais forte que o normal. E logo o chão começou a tremer. Todos saíram assustados dizendo que o gigante do norte, *Pan Gu*, estava chegando. Chou Mee Kwai temendo por seu jardim não conseguiu escapar e ficou atônita ao ver aquele gigante se aproximar. Os passos do gigante não conheciam obstáculo: pisava sem dar-se conta sobre as casas, as carroças, as árvores e o belo jardim de Chou Mee Kwai.

A pequena jardineira, desesperada, tentava conter o gigante: gritava, se esperneava, arremessava pedras sobre ele, mas tão pequenas para o gigante que ele não sentia. Despertado pela cor intensa das flores do jardim, Pan Gu, parou um momento. Abaixou-se e apanhou um punhado de flores na mão que, de tão grande, arrancou quase todas as flores do jardim de Chou Mee Kwai.

Chorando de dor, a pequena jardineira vai correndo atrás do gigante para que ele devolva suas flores. Inútil seguir, pois os passos do gigante são muito maiores do que os pequenos passos da jardineira e seguia se distanciando dela. A pequena Chou Mee Kwai continuava correndo atrás do gigante para recuperar suas flores e gritava a todo momento parra chamar-lhe a atenção.

Subiram montanhas, atravessaram rios, e a pequena jardineira, exausta, ainda tentava não perder de vista o terrível gigante. Seu esforço ia se esvaindo em cansaço, suor e lágrimas.

Como recuperar o trabalho de tanto tempo em cores, beleza e delicadeza se aquele gigante havia destruído seu jardim?

Então, numa última tentativa de parar o gigante, a pequena jardineira correu o máximo que pode. Reuniu forças de lugares que nem sabia que tinha dentro de seu pequeno corpo e, subitamente, se lançou à frente do gigante prestes a pisar sobre ela.

Quando percebeu que ia esmagar com seu pé aquela jovem persistente, o gigante tentou parar e desviar-se dela quando perdeu o equilíbrio e começou a cair sobre a terra. Tentou ainda se segurar no céu e nas nuvens, mas acabou se chocando contra a montanha Buzhou, um dos quatro pilares que sustenta a abóbada celeste, abrindo um grande buraco no céu. Os deuses da água, Gonggong, e do fogo, Zhurong, ficaram enfurecidos com o incidente ameaçando punir a Pan Gu.

Chou Mee Kwai, percebendo o que acontecia sentiu pena do pobre gigante e resolveu aconselha-lo, perguntando: - *por que você não remenda o céu?*

Pan Gu, sem saber o que fazer lhe retruca: - *mas eu não sei costurar...*

Então, a pequena jardineira resolve ensinar ao gigante Pan Gu como costurar. Reuniu toda a lã de ovelhas que conseguiu, cardou e filou um grosso e longo fio de linha. Entendendo como se poderia fazer, o gigante forja minérios escondidos no leito do rio de Gonggong e usando o fogo de Zhurong, fabrica uma grande agulha com a qual consegue costurar o céu novamente. Mas, seu jeito de aprendiz faz com que o céu fique levemente torto, com uma caída em direção ao oeste. Por isso, a partir daí, o sol que nasce todos os dias escorrega para o oeste ao entardecer e cai. Assim como a lua também. Este desnível faz com que todos os rios também corram em direção ao oeste para se encontrarem com o grande mar celestial.

O fluxo dos rios e do sol e da lua faz com que nasçam as estações, cada uma com seu próprio tempo e feição, os ciclos das marés, da sementeira e das colheitas.

Mesmo com o defeito no céu, Pan Gu fica tão contente que resolve levar a pequena jardineira de volta para sua aldeia e ajuda as pessoas a reconstruírem suas casas e carroças, desta vez com muito mais cuidado.

Ao final da tarde, ao se despedir de Chou Mee Kwai, o gigante Pan Gu abre suas mãos sobre a pequena jardineira e delas caem os restos das flores que havia retirado de seu jardim.

Uma lágrima de contentamento cai dos olhos do gigante e a pequena Chou Mee Kwai a utiliza para regar os restos das flores que cuidadosamente enterrava no chão. Logo, as sementes que dormiam nos restos das flores acordavam se espreguiçando e germinando no interior da terra revolvida e amanhada. Brotaram verdes e tenros caules. Renasceram flores ainda mais belas e formosas com cores que lembrariam para sempre o amor da pequena jardineira por seu jardim.

O gigante Pan Gu se foi em direção ao oeste para onde o céu torto encaminha todas as coisas e se perdeu no horizonte ficando apenas na memória da pequena Chou Mee Kwai.

Ela, por sua vez, quando os sulcos da terra se transportaram para o seu rosto, ficou mais velha e morreu, ela se transformou na ancestral jovem deusa *Nü Wa*, a bela mãe natureza, a deusa casamenteira que remenda o céu partido, remédio para o espírito.

(recopilado por *Marcos Ferreira Santos*, 2007)